

# Notícias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)

ARMANDO ROCHA CRUZ

DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA S. PEDRO, 12 — OLHÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO

TELEFONE 59

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**PORTUGAL é um exemplo e não precisa que ninguém lhe aponte o caminho**

Palavras do sr. Almirante Américo Thomaz a propósito dos ataques a que Portugal tem sido alvo



A Juventude de norte a aproveitou a presença do Presidente sr. Américo Thomaz nesta cidade, aonde veio inaugurar o novo ano lectivo do Porto, para numa grandiosa manifestação afirmar a sua repulsa pelos ataques de que tem sido alvo Portugal e apoiar a política de firmeza adoptada pelo Governo.

Milhares de jovens, apesar da chuva que caía, se encontraram diante do edifício da Universidade, manifestando-se vibrantemente.

Dirigindo-se-lhe, o Chefe do Estado, constantemente interrompido por aclamações, disse:

«Alegra a alma e aquieta os nossos receios o fervor patriótico da mocidade portuguesa. Os seus protestos

(Conclui na 4.ª PÁGINA)

**O NOVO SERVIÇO DE COMBÓIOS DIÁRIOS entre Lisboa e o Algarve**

Indicamos, seguidamente, o serviço exacto dos combóios rápidos entre Lisboa e o Algarve que foi comunicado directamente à «Casa do Algarve» numa conferência havida com o sr. Director Geral, eng. Espargueira Mendes e Chefe dos respectivos serviços Eng. Júlio dos Santos.

Os combóios rápidos com ida e volta, no mesmo dia, pelo Vale do Sado, terão lugar às quartas, sextas e domingos, com partidas de Lisboa às 7,40 horas e chegadas a Tunes às 13,15; Faro 13,59 e Vila Real de Santo António às 14,45; o percurso de Tunes a Lagos, é feito em automotoras, visto a composição de Lisboa não levar carruagem directa para Lagos, sendo a chegada a esta cidade às 14,20.

Nos mesmos dias, regresso a Lisboa;

Partida de Vila Real de Santo António às 17 horas; Faro 18,8; Tunes 18,47. Em Tunes recebe os passageiros

(Conclui na 6.ª PÁGINA)

## INSTRUÇÃO

NA habitual reunião anual que tiveram há pouco os funcionários superiores do Ministério da Educação Nacional do ramo da instrução primária fez o senhor Sub-Secretário do mesmo Ministério uma lúcida e longa exposição sobre o estado geral daqueles serviços e suas directrizes futuras. A nós interessa-nos tudo o que ao ensino se refere tão certos es-

### Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Domingo

*Domingo. Como todos os domingos. Nenhuma obrigação, um grande vazio à nossa frente...*

*Aqui me parece estar o maior gume apontado ao modo de vida deste tempo. As tarefas semanais amachucam-nos tanto que, quando nos acenam com um fruto, já não temos força nem ânimo para o segurar. Queremos só estar quietos, inertes quanto for possível.*

*À tarde surge o convite para ir ver o mar na costa brava. Recuso. Tenho imenso a pôr em ordem. Leituras que segunda-feira até*

(Conclui na 2.ª página)

tamos de que por ele se carrilará o futuro.

Soubemos com grata satisfação que o analfabetismo sai derrotado da encarniçada batalha contra ele travada de há anos. Admiram-se muitos que ainda haja adultos analfabetos depois de tantos exames realizados. Contestamos nós que isso não é de admirar num país onde havia percentagens de iletrados que iam até oitenta e cinco por cento da população e já na nossa província de setenta e cinco por cento. Conhecemos povoações onde, para se ler uma carta recebida, se tinham de percorrer alguns quilómetros para se encontrar quem fizesse o favor ou a esmola de a traduzir para a forma oral. Quando as eleições se faziam à base de quem sabia ler e mal, muitos medidos nos cadernos do recenseamento por interesses políticos, concelhos havia onde a inscrição geral, apesar de tudo, não passava de umas escassas centenas. Lembram-nos ainda de que tendo um dia um indivíduo de escrever o seu nome lhe perguntámos se o sabia fazer. Colérico o homem retorquiu-nos: — Ora essa! Então não sou eleitor? A verdade é que por mais esforços que empregasse não foi capaz de traçar as indispensáveis garatujas. Outro, também, dos privilegiados, escrevia a última sílaba do seu apelido Pereira com 4 erros.

As escolas eram poucas, as penalidades sobre a não frequência das crianças às escolas não existiam ou eram letra morta e tudo contribuía para que a massa morta e pesada dos analfabetos pouco diminuísse de volume. Hoje a lei é imperativa, em certos casos impiedosa como todos os imperativos, mas o inimigo vai de recuada batido em todos os sectores.

(Conclui na 6.ª PÁGINA)

## Recordando o Aniversário do grande Poeta Algarvio JOÃO LÚCIO

Por Manuel Domingos Terramoto

QUARENTA e dois anos passaram sobre a fatídica data de 26 X/918, em que a morte veio arrancar à vida o saudoso João Lúcio, poeta embevecido pela sua terra, pela sua província. Em «O meu Algarve» retratou o sol, o luar, o campo e o mar, com as mais encantadoras cores, com tal enternecimento e amor, que até no cenário de maior amargor encontrou a beleza a dar-lhe docura. É citado entre os melhores poetas do país, e o seu nome figura no inventário dos valores nacionais.

Tributo de altos méritos, falava com lentidão, mas com eloquência que prendia a atenção de quem o escutava. Foi deputado no parlamento, na presidência de Sidónio Pais. De índole tolerante, fazia-se ouvir com respeito, mas quando falava, era a voz da sua região, era a voz do seu torrão que da sua boca se desprendia.

Advogado de valimento, cheio de saber profissional, revelou seus enormes recursos sempre que lhe ofereceu ocasião. A sua banca franqueada sempre a todos a todos servia, mas nem de todos havia retribuição. Advogava com convicção, por devoção, por espírito de bem-fazer.

Pretende traçar o perfil deste ilustre olhanense, seria pincelar o espaço, para nós, que não tivemos a dita de o conhecer. Contudo, ouvindo, inquirindo, lendo, imagi-

namos uma personalidade que muito não deve distar da que foi realidade.

O Dr. João Lúcio ouviu as musas e traduziu toda a poesia dos ambientes que viveu. A Quinta de

Marim, propriedade secular de seus pais, detinha frondosa mata que forneceu a seiva do seu sonho, até o seu acabar. Os vestígios mouriscos da quinta lhe re-

(Conclui na 6.ª PÁGINA)



Eva Koczizewska, intérprete de «A Guerra», filme apresentado no XII Festival de Veneza, realizado recentemente em que houve grandes polémicas na atribuição dos prémios

## SEGUNDO INFORMAÇÕES

**de Huelva, Aiamonte, Isla Cristina e Rabat, atribui-se a escassez da sardinha na Costa Sul do Atlântico, ao facto do excesso da temperatura da ÁGUA**

NA costa sul do Atlântico têm-se registado esta safra uma grande escassez de sardinha.

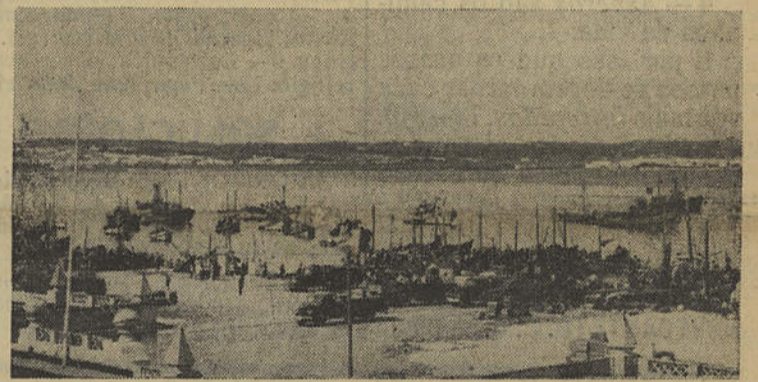
Informações recebidas de Huelva, Ayamonte, Ilha Cristina e Rabat, atribuem o facto ao excesso de temperatura das águas não assegurar a permanência dos cardumes na proximidade da costa. Em contrapartida, este factor parece influir favoravelmente na presença, muito mais ao norte, de importantes populações de sardinha.

Para estabelecer tal dedução, os nossos informadores parecem ter registado as temperaturas da água no decorrer de um largo período, o que lhes permitiu a obtenção de algumas conclusões. Estas ainda que empíricas, parece que seria de interesse tomá-las em

conta. É-se levado a supor que, para cima dos 23.º e 24.º, apenas se encontram «alevis» de sardinha. De-

pois as dimensões parecem escalonar-se segundo as temperaturas e da seguinte for-

(Conclui na 6.ª PÁGINA)



Abundante dia de pesca na lota de Vila R. S. António

O INFANTE D. HENRIQUE NA CONQUISTA DAS CANÁRIAS

## Os Reis Católicos INIMIGOS DE PORTUGAL

Pelo Major J. J. NASCIMENTO MOURA

OS Reis católicos resolveram incorporar as citadas três ilhas melhores no reino de Castela e confiaram a missão de as conquistar a Juan de Rejon. Este notou a presença de naus portuguesas que auxiliavam os naturais e que empavezadas entravam em Las Palmas, disparando artilharia e tocando clarins. Rejon preparou-lhes uma cilada, na qual morreu a maior parte dos portugueses.

Pelo tratado de Alcaçovas (1479) estabeleceu-se uma repartição do Oceano ficando para a Espanha as Canárias; o que foi sancionado por Bula do Papa Sixto IV, de 2 de Junho de 1481.

Nem a prioridade de Lancerotte, nem a indiscutida expedição portuguesa de 1341, nem os honestos, firmes e persistentes propósitos do genial Infante D. Henrique, nem a sua acção directa e pessoal nas Canárias foram considerados. Eis a contribuição negati-

va de Castela nos Descobrimentos Henriquinos. Eis a paga da Igreja aos sacrifícios de Portugal na defesa da cristandade.

A insaciável cobiça dos Reis Católicos às ilhas Afortunadas estava satisfeita. Portugal esqueceu-se ou desprezou a afronta e século e meio de lutas, de sacrifícios de vidas e de dinheiro.

(Conclui na 6.ª PÁGINA)

## NOVO QUARTEL Dos Bombeiros Voluntários de Vila Real Santo António

Iniciaram-se há semanas as obras para a construção do novo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, obra de grande necessidade para a prestigiosa corporação e pela qual tanto se bateu o nosso Jornal.



Clarisse Belo, a artista da revista «Espero-te à saída», em exibição no teatro ABC, e recentemente entrevistada pelo nosso Jornal

## CHARADAS

III

**P**ASSEMOS às tecigramas. Suponhamos a palavra NÚMERO. Se lhe tirarmos a letra inicial (N) obteremos ainda uma nova palavra, ÚMERO.

Vejamos o vocábulo PESO. Introduzindo um R entre o P e o E, encontraremos outra palavra, PRESO. É esta a técnica das charadas tecigramas.

Outros exemplos: APITO-APTO (supressão da 3.ª letra); HORA-HONRA (adição da 3.ª letra); ANTÓNIO-ANTÓNIMO (adição da 7.ª letra).

Vejamos a frase: Desculpo toda a mentira que me ponha contente. 5(-)3)4.

O primeiro número indica que devemos procurar um sinónimo de *mentira* com 5 letras. O segundo que devemos suprimir-lhe a 3.ª letra. O terceiro que o sinónimo a obter para *contente* deve ter 4 letras. Sendo LENDA um sinónimo de *mentira*, encontraremos, suprimindo-lhe a 3.ª letra, o vocábulo LEDA, que é sinónimo de *contente*.

Vejamos mais tecigramas: 1 — *Cobarde* é todo aquele que nem consigo próprio consegue ser *sincero*. 5(+4)6. 2 — Um bom *monarca* deve fazer sempre por viver em harmonia com o seu *poivo*. 3(+1)4.

3 — *Observe*, meu caro amigo, como é triste viver na *ignorância*. 4(+3)5.

4 — *Ásperos* são os caminhos da vida.

É por isso que os nossos passos se devem tornar cada vez mais *intrépidos*. 7(-)5)6.

Soluções das charadas metamorfoseadas da secção anterior: 1 — VULGO-VULTO; 2 — FOGO-FOJO; 3 — BOÊMIO-BOÉMIA; 4 — CO-RAÇÃO-COTAUÃO.

NAVEGANTE (G. E. O.) — Olhão

## ANEDOTAS

*Num exame de Geografia:*

— Onde fica a Suíça?  
— Ao lado do bigode!

*Na aldeia:*

— Então senhor abade, a pequena pode ir ao confesso?

— Isso sim! Ela nem sabe que Jesus Cristo morreu para nos salvar!...

— Não admira, como a gente nunca lê os jornais!... Eu também não soube que ele esteve doente!

*Entre amigas:*

— Então quando te casas?

— Não sei. Agora aturo dois pretendentes: o secretário das Finanças e o médico...

— É grave! A bolsa ou a vida; safa!

Um professor passeia pelo campo em companhia de alguns alunos. Na parede da casa dum lavrador está uma ave numa gaiola. Pergunta o professor:

— A que família pertence aquela ave?

— Naturalmente à família do dono da casa!

Barbosa encontrou uma amiga e disse-lhe:

— Vi-te esta noite em sonho, e falei-te.

— Desculpa, mas não reparei!

Num restaurante, um sujeito entra, senta-se e pede um jantar. Vem a sopa.

*Freguês* — Rapaz, não posso comer a sopa.

*Criado* — Pronto, senhor. Trago-lhe outra.

(Leva o prato da sopa e traz outra diferente)

*Freguês* — Rapaz, não posso comer a sopa.

*Criado* — Pronto senhor. Trago-lhe outra.

(Leva o prato da sopa e traz outra diferente)

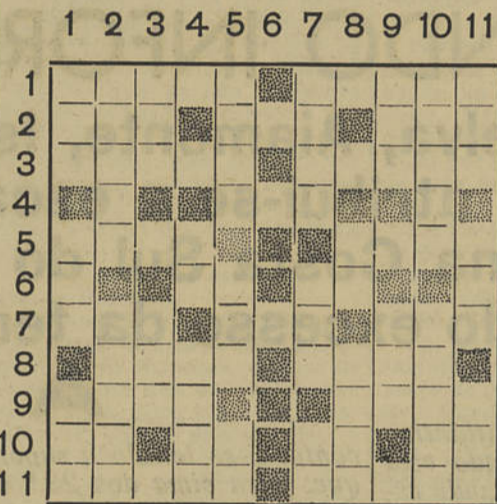
*Freguês* — Rapaz não posso comer a sopa.

*Criado* — Pronto senhor. Trago-lhe outra.

(Conclui na 4.ª página)

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 7



EDUARDO SIMÕES — OLHÃO

**HORIZONTAIS:** 1 — Veneração; mis-siva. 2 — Ovelha; caminho; soluços. 3 — Roseiral; barulho. 4 — Lavra. 5 — Mamífero roucinante; ratar. 6 — Soletre; porco. 7 — Larva que se cria nas feridas dos animais; miraya; forma proclítica de vale. 8 — cantiga; parte da verga dum navio. 9 — Acolá; origem. 10 — Isolado; rio de Itália; preposição; nota musical. 11 — Tolos; amplos.

**VERTICAIS:** 1 — Colorido; mantilha; pega; 2 — Saliência cônica na parte superior do véu palatino; pouco espessos; 3 — Soletres; medida agrária. 4 — O mais; gemo. 5 — Margem; nome de mulher; art. def. pl. 7 — Rosto; bígorna de ourives; art. antigo. 8 — Letra grega; classe de tropa. 9 — Batráquios; observava. 10 — Quadrúpede felino; lugar de refúgio. 11 — Pega; lista; interjeição que imita pancada.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6

**HORIZONTAIS:** 1 — Camilo; faz. 2 — Ovo; irmão. 3 — Nirvana; DI. 4 — Tágides; al. 5 — Adaga; cimo. 6 — Modestos. 7 — Os átomo. 8 — Nó; impelir. 9 — Alumia; Ana. 10 — Rito; rimar. 11 — Avi; aer; dá. 12 — Malcriados.

**VERTICAIS:** 1 — Contaminaram. 2 — Aviado; oliva. 3 — Morgado; útil. 4 — Vigésimo. 5 — Liadas; mi; ar. 6 — Orne; taparei. 7 — Mascote; ira. 8 — Fá; isolam. 9 — Andam; minado. 10 — Zoilo; oraras.

## Pensamentos de:

## EMANUEL WERTHEIMER

Aquele que se censura a si mesmo, espera que o contradigam.

Quando o idealista mete a mão na algibeira, torna-se inconscientemente realista.

Sacrificai-vos durante anos; depois descansai um dia apenas; sereis um egoísta.

Se fosse necessário oferecer ao Céu dinheiro em vez de orações, a maior parte dos homens seriam ateus.

As mulheres amam muito tempo antes de confessá-lo; os homens têm já deixado, há muito, de amar, quando continuam a confessá-lo ainda.

É precisa mais coragem do que inteligência para pensar correctamente.

## Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

sábado fui adiando para melhor altura.

Na verdade, tomo o livro sem grande convicção. Há um silêncio de vidros moídos à minha volta.

O livro esmorece-me no regaço. Acabo por me aproximar da janela e queimar o resto do dia a ver cair a chuva sobre o corpo deste domingo resignado.

## A Inglesa

Sento-me, de regresso a casa, no banco às ripas do jardim público. Isto embora me digam que não devo parar enquanto a incerteza do tempo semeia constipações e resfriamentos.

A mania! Nós, que vivemos na graça do clima que os poetas e os folhetos de turismo cantam, temos mais que ninguém a preocupação do frio, da humidade!

Por exemplo: a minha companheira do banco é inglesa. Loura, levemente ruiva, os óculos desajeitados na ponta do nariz. Faz tricot, uma camisola fininha. O filho dela é aquele pequenito que não deve ter mais de quatro anos. Parecido com a mãe. As sardas, o nariz pequeno e quadrado... A língua de trapos não o impede de brincar com os portugueses, seus conterrâneos na infância.

Dos outros se distingue num pormenor: enquanto as crianças portuguesas estão fortemente enroupadas, género expedição ao pólo Norte, o inglês veste uma camisola de algodão que lhe deixa ver a carne rosada dos braços e do peito.

Estas inglesas! Parecem dizer as mães portuguesas pousadas nos outros bancos. Estas inglesas! Deixar o pobrezinho, apanhar, sa-

be-se lá que perigoso resfriamento!

A inglesa não entende aqueles olhos. Continua afadigada no tricô leve como um casulo.

## A poesia faz-se gente

Ainda no jardim. Um casal muito jovem, de mãos dadas, no banco da rua de cima. Estudantes. As pastas repousam lado a lado. Confraternizam...

Falam baixo, monossílabas que não distingo. Os dedos enclavinhados fazem toda a despesa da conversa.

Subitamente, começa a chover. A morrinha de pobreza envergonhada do outono que teme lhe chamem inverno. Levanto-me. As companheiras de ocasião imitam-me. Quando chego ao portão, volto-me para trás. A inglesa continua sentada, fleugmática. O inglêsinho, no meio do terceiro, atira aos pombos bocadinhos de castanha assada. Mais longe, no banco isolado, os moços dão graças à chuva que os libertou dos olhos indiscretos das mulheres que chegaram a mãos sem nunca terem sido moças.

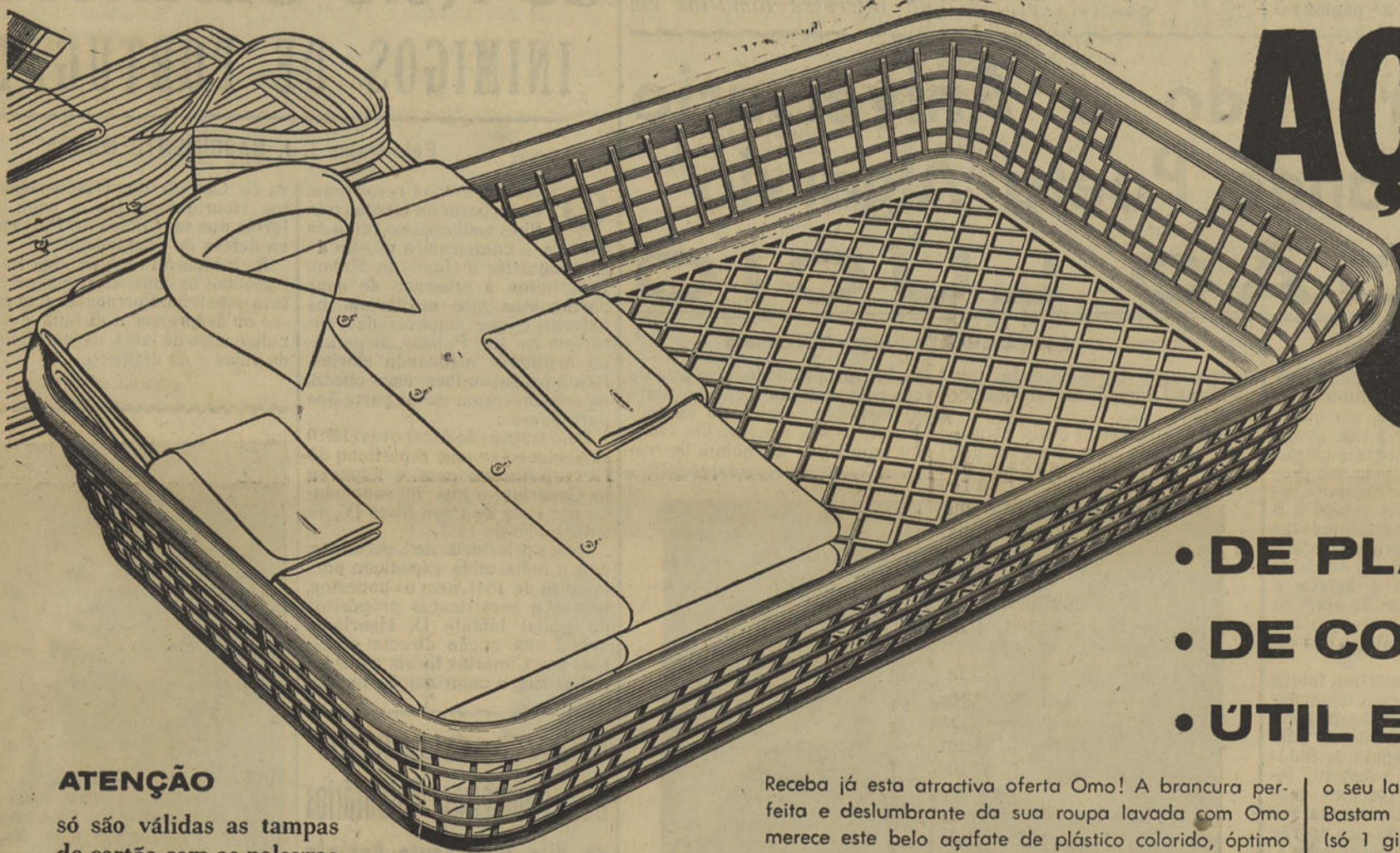
Maria Manuela Nunes

## CAUTELA

A tragédia tem uma história curta como todas as tragédias. O menino de um mês estava no seu bercinho. Dois outros meninos de 3 e 5 anos, aproveitaram uma curta ausência de quem estava encarregado da vigilância, levantaram o tenro infante e não o podendo segurar deixaram-no cair. Enfim por um alçapão estatelou-lhe a metros de profundidade. E pronto. Mais um anjo voou ao céu.

VISADO PELA Comissão de Censura

# agora para a sua roupa



# AÇAFATE OMO

- DE PLÁSTICO
- DE CORES ALEGRES
- ÚTIL E AMPLO

## ATENÇÃO

só são válidas as tampas de cartão com as palavras <para abrir carregue aqui>



Receba já esta atractiva oferta Omo! A brancura perfeita e deslumbrante da sua roupa lavada com Omo merece este belo açafate de plástico colorido, óptimo para arrumar a sua roupa passada a ferro. Enriqueça

o seu lar com este utilíssimo açafate, amplo e cómodo. Bastam 19\$50 e apenas 3 tampas grandes de Omo (só 1 gigante ou 6 das normais). Não perca tempo! O seu açafate Omo espera por si!

Apenas 19\$50 e 3 tampas grandes de OMO (1 gigante ou então, 6 normais)

# OMO lava mais branco

# página de ARTES E LETRAS

## INTRODUÇÃO AO VERSO

«Corre o tempo  
e veem as Forças da Natureza...  
...e em nossas Vidas como na Terra  
de tudo passa um pouco e Tudo passa.»

Mas a Natureza persiste...  
...e fica sempre...

...porque em Tudo reside...  
e em cada um de Nós.»

### A MURALHA HUMANA

— Olhei bem.  
— Vedes o Céu, o Mar e uma nesga de Terra.  
Aquilo negro, ali batido pelas Ondas  
não daremos nome algum, é feito pelo Homem.

É como uma Imagem simbólica  
ousada e destemida,  
é A Muralha Humana,  
que avança pela Vida  
partindo-se aos becados...

Primeiro veem os Ventos  
fustigando-lhe o Corpo.  
Vem depois o Mar  
elevando-se em Vagas,  
que trepam pelo Tempo,  
desabando-lhe em cima...

... Decrépita, partida,  
e s A Muralha Humana  
que se arrasta pela Vida.

VERÍSSIMO NINGUÊNS

## Paradoxos sobre o ser e o nada (a propósito de Parménides)

A IDEIA do Não-Ser absoluto é uma ideia suicida, digo, uma ideia que a si mesmo se destrói. O Nada é impenetrável porque auto-contraditório. O Nada não pode conceber-se senão como um modo do Ser. Afirmar o Nada é necessariamente negá-lo. Se o Nada é literalmente o Não-Ser, é auto-contraditório afirmar que o Nada é ou pode ser; por outro lado, afirmar que o Nada não é, é afirmar tautologicamente o Ser.

Desde o V século a. C. que Parménides de Elea intuiu, de um modo genial e definitivo, que o espírito não poderia conceber o Não-Ser, que não pode actualizar-se, nem as palavras exprimi-lo. É sobre esta intuição lógica inabalável que o grande sages de Elea assenta a sua poderosa construção onto lógica.

Neste sentido — e sómente neste sentido — de que o Nada é inconcebível porque auto-contraditório, se pode afirmar a 'necessidade lógica' do Ser. É vão raciocinar sobre possibilidades negativas: o Universo pode conceber-se como não existente, logo, podia não existir, logo, deve existir um Ser Necessário que justifique a sua existência. Por que seria um fetiche, porém, 'lógicamente, mais necessário' que o Universo que realmente existe?

Raciocínio teológico — raciocínio gratuito, e que só porque escapa ao controle de toda a experiência se não vê que o é. 'O mundo podia não existir' — esta probabilidade 'lógica' meramente negativa que Schopenhauer invoca contra Spinoza é uma afirmação vazia de sentido. O facto de eu poder conceber o Universo como não-existente não me autoriza de modo algum a afirmar que o Universo podia não existir.

### FALECEU NA SUA CASA DE BÉLHNO O DRAMATURGO JOÃO CORREIA DE OLIVEIRA, IRMÃO DO POETA AN- TÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

Faleceu no dia 21, com 79 anos, na sua casa da Quinta do Bélnho — onde há meses faleceu seu irmão, o poeta António Correia de Oliveira — o dramaturgo João Correia de Oliveira, tio do Secretário de Estado do Comércio, dr. Gonçalo Correia de Oliveira.

Natural de S. Pedro do Sul, deixou uma extensa obra literária, na qual se destacam as peças «Os Lobos», «A Ribeirinha», «A Verdade», «O Paço de Portuledo», «A Renúncia» e «O Festim de Baltasar», e o livro «O Milagre da Serra», inspirado nas aparições de Nossa Senhora de Fátima.

Aquela ideia de Ser Necessário é absurda, porque não há ser cuja inexistência a lógica não 'permita'; ou, dito de outro modo, não há ser particular cuja existência a lógica 'imponha'. A lógica exclui somente a ideia auto-contraditória de Não-Ser, mas dela não pode deduzir-se a existência 'necessária' de ser algum particular. Nenhum ser, em suma, pode conceber-se como 'lógicamente necessário'. Em forma paradoxal, poderia dizer-se que o Ser é 'necessário' (porque impenetrável e contraditório o Não-Ser), mas não os seres. Lógicamente, todos os seres são 'possíveis', nenhum é 'necessário'.

É certo: o Universo, este particular Universo — o único — não tem 'necessidade lógica'; mas que tem o Universo que vem com a lógica? A lógica refere-se exclusivamente a relações entre conceitos. É absurda a só ideia de deduzir da lógica um universo 'necessário'. A lógica não comanda a existência. O Ser não é deduzi-

### A CELMIS

vel do Logos. Dizer que 'este' Universo não tem 'necessidade lógica'. Isso significa apenas que a lógica 'permite' todos os universos. Como diz Jankélévitch, a lógica 'permite' tudo, não 'promete' nada.

Eis porque a questão da necessidade ou inexistência lógica do Universo é uma questão sem sentido, um falso problema. Da 'necessidade' lógica do Universo não é de modo algum legítimo deduzir ou inferir a 'possibilidade' da sua inexistência.

Eis também porque é vão antepôr ao Ser o Nada, eis porque são vão todas as ficções criacionistas. E aqui nos encontramos com todo o pensamento antigo, o qual desde Parménides unanimemente afirmara que o Ser é increado e imperecível, e que o Nada não pode gerar ou preceder o Ser, ideia ulteriormente condensada na fórmula 'ex nihilo nihil'. — Assim se dissolvem os fantasmas obsidianos dos pseudo-problemas.

Cydias

### FIGURAS DO MEU ALBUM:

## AUSENDA DE OLIVEIRA

MORREU Ausenda de Oliveira, e a notícia, por banal, não transpôs sequer os limites da secção necrológica dos jornais. Na verdade, o seu nome já não diz nada à geração presente, e a pretérita tem tanto com que se entreter que não perde tempo a ir ao funeral de alguém que já morreu há vinte e três anos, embora só agora fosse sepultada. De resto, para quê? «Les morts vont vite», e Ausenda de Oliveira estava morta há vinte e três anos, da pior enfermidade de que é possível morrer. Morta pelo esquecimento a que a votaram aqueles que, ao menos por Caridade, talvez a pudessem lembrar ainda dando-lhe, não já o amor a que não poderia aspirar aos setenta e dois anos, mas o amparo e a ternura que todo o Artista merece, depois de ter oferecido ao Público toda a emoção e vibratibilidade da sua alma, vibratibilidade essa tantas vezes menosprezada o ir mesmo

aviltada pelo grande público. Neste momento estou a ouvir dizer que sim, que fizeram, que procuraram auxiliá-la, mas que isso não resultou, porque ela não podia cooperar com essas pessoas, visto que há muito se encontrava amnésica e destituída daquelas faculdades histriónicas que outrora a tinham notabilizado.

Seria por isso, talvez que, mesmo depois de morta apenas raros, raríssimos amigos tiveram a singular coragem de a acompanhar ao cemitério?

Eu sei, Ausenda, que tu lhes perdoas tal como lhes perdoaste o abandono a que te votaram os teus numerosos amigos, mas também sei que uma lágrima sincera e sentida rolando sobre o teu caixão humilde, teria sido o mais valioso prémio e talvez mesmo o único a que presentemente aspirava essa rapariguinha frágil e impetuosa que, vinda um dia do norte, subiu a um tablado

## Novidades Literárias

O «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» consagrou à memória de Alfredo Pimenta uma das suas páginas de «Artes e Letras». Colaboraram nessa página Augusto de Castro, Luís Forjaz Trigueiros, Caetano de Melo Beirão, Alfredo Manuel Pimenta, Fernando Luso Soares e Amândio César.

ESTÁ publicado o fascículo 19 da obra de Jaime Cortesão, editada pela «Arcádia», «Os Descobrimentos Portugueses».

O escritor brasileiro Gastão de Holanda os «Livros do Brasil» acabam de editar, em Portugal, o romance «Os Escorpiões».

DE Albert Camus, António Quadros traduziu e prefaciou para os «Livros do Brasil» a peça de teatro «Os Justos».

DA obra «Os grandes portugueses», editada pela «Arcádia» e dirigida pelo prof. Hernani Cidade, está publicado o oitavo fascículo, em que o prof. Ferreira de Almeida trata de Vasco da Gama e o prof. Hernani Cidade de D. Francisco de Almeida.

JOÃO MONJARDINO e Armindo Rodrigues traduziram de Aldous Huxley «Férias em Crome». Edição dos «Livros do Brasil».

DE James Joyce, Alfredo Margaride traduziu «Retrato de artista, quando jovem». Edição dos «Livros do Brasil».

A «LIVRARIA TAVARES MARTINS», do Porto, acaba de editar de Adolfo Simões Muller «O fidalgo engenhoso» — literatura infantil.

### LIVROS E AUTORES

## SEDUÇÃO

de JOSÉ MARMELO E SILVA

QUANDO em 1937 apareceu a primeira versão desta novela, alguns críticos mais atentos ou mais perspicazes chamaram a atenção do público para a importância do acontecimento que essa publicação representava. A prova do que viam justo, tira-se agora, a mais de vinte anos de distância. Quantas obras dessa época sobreviveram, quantas resistiram à acção demolidora (melhor se diria retificadora) do tempo? Conte-as o leitor e verá que não tem muito que contar.

Mas *Sedução* está, sem dúvidas, no número dessas, como o demonstra a impressão que da sua leitura, hoje, se colhe.

De tão indiscriminadamente aplicado o qualificativo «obra prima» perdeu a propriedade velorativa que possuía. Contudo, ainda não há outro que o substitua quando se trata de apontar... uma obra prima.

lisboeta e, num arroubo de entusiasmo, deu ao seu público, em meia dúzia de anos, tudo quanto de melhor de si tinha para ofertar.

Jocelyne Pinto

### BREVES APONTAMENTOS SOBRE

## «EM DEFESA DO DESENHO EXPRESSIVO DA CRIANÇA»

NÃO há duvida que, actualmente, com o conhecimento que temos da criança, estamos melhor documentados do que antes, na maneira de lhe proporcionarmos os meios mais adequados à sua valorização.

Queramos nós, sem ociosidade ou pretextos dúbios ou ignorantes, mas com convicção e coragem, verdade e responsabilidade «Edificar a verdadeiramente como é nosso dever. Convém para isso esclarecer, esclarecer sempre, os ignorantes e os dúbios, que o futuro está na verdade que soubermos e quisermos fazer da criança — promessa e garantia de um mundo melhor e compreensível. Lugar comum este, que os poetas cantam, os pedagogos acarinham, os governantes lembram e muitos esquecem, acendendo mais uma luzinha no altar da nossa compreensão — e em defesa daquilo que julgamos Dever para com a Criança «que é afinal de contas, o nossa continuidade»...

Escrevemos estas considerações a propósito de um livrinho que acabamos de ler e que mereceu a nossa consideração e simpatia por tudo o que atrás disse-

### Três poemas de DÁMASO ALONSO.

#### A NOVA VITÓRIA

Esta é a nova escultura:

Pedestal, a terra dura,  
Ambito, os céus tão frágeis.

O vento, a forma pura,  
E o sonho, os véus ágeis.

#### ELEMENTAR

Vento e água moem o pão,  
vento e água.

E a terra põe o trigo  
e o fogo doura a fornada.

Terra, fogo,  
vento e água.

mos, pois reconhecemos nele uma obra útil, oportuna e interessante, verdadeira e digna de ser recomendada a todos: educadores e pais responsáveis pela educação dos seus alunos e dos seus filhos. O próprio título é expressivo:

«EM DEFESA DO DESENHO EXPRESSIVO DA CRIANÇA», de que é autor um pedagogo: Rodolfo A. Abreu.

Por ele verificamos mais uma vez a importância do desenho na formação infantil, bem como o conhecimento das aptidões individuais, tendência, processologia do carácter, etc. O desenho começa por ser, na criança, uma manifestação espontânea e criadora de actividade infantil, a primeira linguagem gráfica, tão necessária como o «ludicismo», o ar que inspira ou os alimentos que ingere. A criança tem tanta necessidade de desenhar como falar. A linguagem começa por exprimir-se pelo desenho que nos oferecerá, actualmente, o conhecimento que temos sobre a finalidade do desenho nas primeiras idades senão o paralelismo entre a criança e a sua «visão», entendimento de ver, interpretar as «coisas» que a rodeia e que imagina? Pela expressão gráfica não só ela se forma como podemos avaliar e chegar conhecimento como personalidade e daí partir para o seu aperfeiçoamento educativo. Qual será pois a finalidade do Desenho infantil, senão o de cultivar a expressão gráfica da criança, mediante a observação directa e imediata dos seres e das coisas, levando-a progressivamente (considerando) as sucessivas idades mentais, o realismo do seu pensamento: celular, transitório, perfil ideográfico e fisiográfico) a representar graficamente com uma certa exactidão e cunho individual os contornos dos objectos que veem ou tenham visto, ou ainda as formas que a sua imaginação conceba?

Deixar a criança exprimir-se livremente pelo desenho, é respeitar a sua personalidade, estimulá-la, fomentar artistas e não cultivar copistas. Não entanto, a preferência dada ao desenho expressivo, não implica, necessariamente, a subestimação às demais representações segundo a aparência (livre, intuitivo-natural, memória, decorativo e de ilustração, etc.) até porque todas essas modalidades têm as suas aplicações práticas e utilitárias.

Seja como for, lendo «Em defesa do Desenho Expressivo da Criança» estamos a prestar um bom serviço à causa da Educação da Criança pelos conhecimentos que livros desse jaez nos podem proporcionar.

José Crespo

### POETAS CREGOS (1)

## SOTIRIS SKIPIS

Um dos nomes mais altos da poesia grega. Nasceu em 1883 e faleceu em 1952. Foi Membro da Academia de Atenas. Obras Publicadas: «Serenata das Flores» (1901); «A torre das horas» (1905); «Sem Asas» (1919); «Tardes Azuis», etc.

#### POENTE

Meu coração é uma ruína  
harpa de vento fugitivo  
que um sino de ouro, redivivo  
numa tangência cristalina  
balança ao tempo em que é cativo.  
Esta canção — coisa vazia —  
ária sem eco em que me apago  
nem sequer deixa um eco vago  
como o relampago de luz fria  
que cal na água de algum lago...

Há débeis folhas pelo chão...  
(Já deixam sobre os meus cabelos  
tons de poente). E os meus apelos  
por tanta luz que esperei em vão,  
amor! amor! são pesadelos...  
E do incêndio do Prazer  
restam-me cinzas de amargura,  
Perco o olhar na noite escura  
— Corola fechada onde, a morrer  
se esconde a lágrima mais pura...

Trad. portuguesa de Jorge Ramos

observação do tema, quer pela frescura e novidade do estilo, tem o carácter peregrino das verdadeiras criações literárias.

# Portugal é um exemplo

(Conclusão da 1.ª página)

são contra as arremetidas de que Portugal tem sido alvo nos últimos meses. E consolador!

«Há quem queira forçar-nos àquilo que não devemos fazer. Nós levámos a civilização ocidental a toda a parte do mundo. Nós nunca levámos a ruína e a desolação aonde se diz que se quer levar a liberdade. Nós não queremos essa liberdade. Nós queremos a liberdade, que é nossa e que temos provado existir em Portugal em muitos séculos da nossa história.

«Portugal é um exemplo e não precisa que alguém lhe aponte o caminho. Portugal, aonde foi, acendeu as luzes de uma civilização, não levou a morte, não aniquilou a liberdade. Temos o dever de prosseguir no mesmo caminho e deixar falar quem tem intuídos bem diferentes dos nossos. Temos na nossa História muitos exemplos. Devemos continuar como temos vivido até aqui. Aqueles que já sentem longe a juventude têm o prazer de verificar que a mocidade de hoje — os homens de amanhã — não seguirá outro caminho e mostrará que os portugueses são os mesmos de sempre, aqueles que fazem bem por o fazer e não como cartaz.

«Os nossos caminhos foram sempre rectos e não podemos aceitar nesta altura da vida que nos indiquem caminhos tortuosos. É afinal persistir no que temos feito e, se persistirmos, continuaremos. E as vozes que agora soam são vozes que se abafarão depressa, porque temos a certeza de que de onde vêm nunca poderão chegar ao céu. Nós tememos a Deus e ainda bem que assim é, porque aqui não se cometem as atrocidades que em muitos lugares do mundo são o infeliz fruto de todos os dias.

«Dizem que aqui não há liberdade. Mas eu prefiro esta liberdade à morte que essa gente semeia por toda

a parte. A mocidade quer continuar a nossa obra. Estamos convictos de que a continuará e, sendo assim, temos a certeza, a certeza antecipada, de que Portugal será, no futuro, aquilo que tem sido sempre no passado no presente. Viva a mocidade portuguesa! Viva Portugal!»

Mesmo depois de terminada a manifestação; grupos de estudantes, empunhando bandeiras e dísticos, percorreram várias artérias da cidade, saudados pela multidão que se juntava para os ver passar e seguidos por grupos de populares que, indiferentes à chuva, se haviam associado aos manifestantes.

## S. Bartolomeu de Messines e o Poeta João de Deus

(Conclusão da 1.ª página)

muitos supõem está repleta de acontecimentos que não são de molde a serem desprezados. Toda a sua região se esquadra e corresponde perfeitamente à tão cobizada paisagem algarvia. Porque não se há-de explorar estes recursos vivendo-se numa época em que o turismo é para muitas terras a sua grande fonte de riqueza? Existe mesmo o interesse de dar

a conhecer aqueles que visitam a nossa província e por lá passam, não só a casa onde nasceu o poeta João de Deus, como também as suas belezas naturais postas em evidência numa forma expressiva especialmente no alto do norte onde se ergue a ermida da Nossa Senhora da Saúde e do cimo do Penedo Grande. Aqui ainda se podem observar restos dum antigo morro romano que foi construído pelos árabes. O cenário que do cimo se disfruta tem muito de majestoso e belo. Toda a serra do Caldeirão parece sair debaixo de nós espalhando-se docilmente à nossa volta com uma harmonia e beleza incomparáveis.

Poderemos concluir sem receio de críticas que a terra em nada desprotegida do seu glorioso filho que foi João de Deus um dos mais consagrados poetas e pedagogos nacionais.

Seria uma falta imperdoável exprair-me em considerações de ordem diversa e não dedicar algumas linhas àquele que no dizer bem significativo de Viegas Simões é «o português mais português do século que passou, e que com o seu lirismo sincero e profundo nos deixou uma das mais profundas expressões da nossa pátria». Será na verdade o orgulho de todos os portugueses e em particular daqueles que tiveram a sorte de ter nascido na mesma terra.

## UM GRUPO DE TEATRO

DOS CTT, APRESENTOU NO TEATRO ANTÓNIO PINHEIRO A COMÉDIA EM TRÊS ACTOS «A MULHER QUE VEIO DE LONDRES»

POR iniciativa do Centro de Desporto Cultura e Recreio do Pessoal dos CTT, foi apresentada pelo seu grupo de Teatro, no Teatro António Pinheiro, em Tavira a comédia em três actos de Joaquim Almada «Uma mulher que veio de Londres». A interpretação desta peça obteve a 1.ª Menção Honrosa e o 1.º Prémio de interpretação feminina (D. Maria de Lourdes Branco) no Concurso de Arte Dramática, promovido pelo Secretariado Nacional de Informação em 1959.

A direcção de ensaios e encenação dos artistas, foi sob a orientação de Maria Schulze e António Sarmiento.

Todos os seus intérpretes frequentam o CURSO DE ARTE DE DIZER dos CTT.

O espectáculo foi exibido no passado dia 25, às 21,30 horas.

## XXX ANIVERSÁRIO DO GRUPO «OS CARLOS»

Para as Comemorações do 30.º aniversário do Grupo «Os Carlos», o primeiro que se fundou no nosso País, está previsto o seguinte programa:

Quarta-feira, 2 de Novembro: Alvorada na Sede por um terno de clarins da G. N. R.; às 14 horas distribuição de livros escolares, solicitados pelos estudantes pobres.

Quarta-feira, 3 de Novembro: Distribuição de tabaco, papel e fósforos, aos Carlos doentes internados nos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Sexta-feira, 4 de Novembro (Dia de S. Carlos): às 9 horas, Missa na Igreja da Madalena, à Sé, por alma dos Carlos falecidos; às 15 horas, distribuição de donativos em dinheiro aos protegidos da Imprensa, aos Carlos necessitados e famílias destes; às 20 horas, jantar de confraternização na sede, abrilhantado por um quinteto. No final serão distribuídos emblemas de ouro e diplomas de «Dedicação» aos sócios que completaram 20 anos de associados.

Sábado, 5 de Novembro: às 10 horas, distribuição de tabaco aos Carlos encarcerados por qualquer delito, nas cadeias do Aljube e Limoeiro; às 14 horas, a mesma distribuição, nas cadeias Penitenciária de Lisboa, Caxias e Linho.

Domingo, 6 de Novembro: Visita às campas dos fundadores do Grupo, Carlos Mega, Carlos Moura e Silva, no Alto de S. João, e Carlos Moniz Pereira, no Lumiar; às 16 horas, exposição de enovais oferecidos pelos familiares e amigos de «Os Carlos», para serem distribuídos aos que nascerem no dia 4 de Novembro e se baptizarem com o nome de Carlos.

Recebemos do grupo «Os Carlos» a importância de 50\$00 com a incumbência de destinar aos protegidos do nosso jornal. Por esse motivo, já realizámos tal pedido, o que agradecemos em nome dos beneficiados.

## ATIVIDADES CULTURAIS

### E BAILE

## NO GLÓRIA FUTEBOL CLUBE

O antigo e simpático clube de Vila Real de Santo António, Glória Futebol Clube, apresenta na sua sala de espectáculos a Companhia Rafael de Oliveira, que há oito anos não visita esta vila, para um esplêndido programa de teatro com a apresentação da peça «Daqui Fala o Morto!..», no dia 1 de Novembro próximo.

Hoje, dia 30, terá lugar na mesma sala de espectáculos um animado baile para diversão dos sócios.

## ANALFABETISMO

Pelas últimas estatísticas sabe-se que estão matriculadas no ensino primário 860.000 crianças e 100.000 adultos.

A ardorosa batalha contra o analfabetismo, lepra que nos aviltava, continua e o temeroso inimigo será vencido. Portugal subirá em glória.

Actividade profissional somente sem dores.

Contra dores de cabeça constipações reumatismo

ASPIRINA

HA MAIS DE 60 ANOS ASPIRINA e BAYER familiares a todos.

## A TIPOGRAFIA

TIPOCOLOR IMPRESSOS DE TODOS OS GÉNEROS

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO

## AGENDA

TRAIENEIRAS MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António de 21 a 27 de Outubro

Janita	91.130\$00
Leste	84.380\$00
Brisa	82.750\$00
Maria Rosa	81.480\$00
Liberta	77.800\$00
Flor do Sul	71.260\$00
Norte	31.775\$00
Flor do Guadiana	15.680\$00
Tufão	9.000\$00
Oeste	8.480\$00
Suestada	8.260\$00
E-trela do sul	6.710\$00
Clarinha	5.910\$00
Amazona	4.650\$00
Noroeste	3.800\$00
Costa Azul	2.985\$00
Wulcão	2.180\$00
Alvarito	1.950\$00
«estauração	755\$00
Nova Sr.ª da Piedade	740\$00
Total	591.675\$00

Peixe diverso apanhado por várias embarcações 32 481\$00  
Total 624.156\$00

## ARMACIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 29 de Outubro a 4 de Novembro a Farmácia CARRILHO, Praça Marques de Pombal — Telefone 49.

## Maria Diamantina Leiria

De visita a sua família esteve nesta vila tendo já regressado a Setúbal a sr.ª D. Maria Diamantina Leiria, filha do nosso prezado assinante sr. Maglório Flores Leiria, que teve a gentileza de apresentar despedidas na nossa Redacção.

## Agradecimento

A direcção da Associação das Senhoras da Caridade, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que se dignaram enviar as suas ofertas para o sorteio realizado nos dias de feira, vem, por intermédio deste jornal, tornar público o seu reconhecimento.

## ANEDOTAS

(Conclusão da 2.ª página)

(Leva o prato e traz outra diferente)

Freguês — Rapaz, não posso comer a sopa,

Criado — Arranja-se outra!

(E traz-me nova variedade)

Freguês — Rapaz, não posso comer a sopa.

Criado — Mas não pode comer a sopa porque?

Freguês — Não posso comer a sopa, porque não tenho colher, imbecil!

Dois sócios, viajavam no caminho de ferro. Ao parar o comboio numa estação procurou um deles:

— Que estação é esta?

O outro estendeu o pescoço pela janela e lendo um grande letreiro que viu em frente, disse:

— Retrete!

— Então, compadre. Vamos tomar qualquer coisa!

Entre comadres:

— Comprei uma garrafa daquele remédio que diziam curar o meu marido do vício do vinho. Deito-lho no café.

— E ele deixou de beber?

— Sim, de beber café.

Na escola:

O professor:

— Amar, que tempo é?

— É tempo perdido senhor professor!

Oscar Lopes



limpo com Vim, brilha como novo!

Dá gosto fazer limpezas com Vim!

É tão fácil! Um pouco de Vim num pano húmido, esfrega-se e... pronto! Tudo fica brilhando de asseio — os tachos e panelas até cintilam! Vim é tão fino e eficiente que descobre o brilho natural dos alumínio e esmaltes. O fogão e o lava-loiça irradiam limpeza.

Faça também com Vim a limpeza da sua casa de banho. Os azulejos, o lavatório e a banheira ficam impecáveis — a reflectir um brilho claro e alegre que é prova de higiene perfeita.



Vim limpa e faz brilhar tudo no seu lar

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVERM

FOTOGRAFIA CAMPINA

Rua Dr. Miguel Bombarda, 1 // OLHÃO // Telefone 255

## EM CENA NO TEATRO MARIA VITÓRIA «GOSTO QUE ME ENROSCO»

ESTREOU-SE na sexta-feira, 21 do corrente, no Teatro Maria Vitória, a revista «Gosto que me Enroscó», da autoria de Luís Iglesias, Meira Guimarães e Roberto Luiz, apresentada pela Companhia Brasileira de Revistas.

E, embora esta revista seja inferior ao «Fogo no Pandeiro» e «Ai Mexe e Remexe», que nos foram presentes há cerca de dois anos e, mesmo, a qualquer das nossas revistas agora em exibição, é sempre agradável para nós, portugueses, escutarmos os ritmos diferentes e a fala adocicada dos nossos irmãos brasileiros.

Além disso, pudemos de novo admirar em Portugal, a esplêndida atriz de comédia: Eva Todor. Em cinco diferentes interpretações intituladas: «Maria Fumaça», «Burraldina», «Actriz», «Madame Du Barry» e «Candidata», deu nos mostra do seu real valor, aliado ao seu temperamento de comediante nata e que, numa prova de reconhecimento, o público soube acarinhar condignamente.

Igualmente, tivemos o prazer de tornar a ver a encantadora e tripudante bailarina Irene; que dançou com fogo nas veias e ritmo em todo o corpo, no que foi bem secundada pelo seu «partenaire» Lido da Riva, e diga-se de passagem, ambos, mereceram os aplausos com que o público o brindou; como cómicos, que por vezes nos dão a ideia de «clow», não só pela maneira como se caracterizam, como também pelos gestos, destacamos Nick Nicola e Evilázio Marçal; os outros, Artur Costa (Filho) e Victor Denizur exibiram-se num tom mais discreto, mesmo porque os papéis que lhes foram distribuídos equivaliam aos

dos locutores de um programa de variedades e, por conseguinte, não lhes deixaram oportunidade para se evidenciarem; da voz de Yara Lex, pouco temos a dizer, porquanto não nos agradou; a oxigenada da Teresinha Elisa, é uma óptima executante do ritmo brasileiro, através do seu harmónico e «mexe-se» sem dificuldade, apesar da sua corpulência, Elizabeth Horn passeia pelo palco a sua plástica, salpicada de alguns laivos do comediante; Sarah Dornel, uma graciosa «chefe de quadro», com pouco trabalho; das coristas dizemos que mostraram pouca classe e plástica, sendo inferiores àquelas que estamos habituados a ver nos nossos tabladros.

Na parte respeitante à montagem e guarda-roupa, achamos modestíssimos e, quanto à música, foi-nos agradável escutar o maxixe, as emboladas, os frevos e os sambas mesclados com outros números de autoria do maestro português António Lopes.

E, muito embora não tenhamos assistido a um espectáculo inédito ou extraordinário, só pela razão de pudemos entrar em contacto com o Brasil irmão, separado de nós pela imensidão do Atlântico Sul, mas que nos fez vibrar a ouvirmos as suas mensagens de alegria, através dos quadros folclóricos que nos apresentaram, não demos por mal empregada a nossa deslocação ao Teatro Maria Vitória.

Diniz D. Martins da Silva

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM TODO O ALGARVE

# DESPORTO



## Clube Desportivo «Os Olhanenses»

### Secção de Pesca Campeonato de Pesca Desportiva de 1960

#### CLASSIFICAÇÃO GERAL depois da 5.ª jornada

PONTOS	
1.º	João Barrote . . . . . 4.195
2.º	João M. Gaivota . . . . . 3.730
3.º	Mário Quintas . . . . . 3.080
4.º	João Ambrósio . . . . . 2.900
5.º	Carlos Coelho . . . . . 2.705
6.º	João Patinha . . . . . 2.545
7.º	Artur Mascarenhas . . . . . 2.310
8.º	Rosário Bento . . . . . 2.205
9.º	Salvador Estrela . . . . . 1.955
10.º	Carlos Coelho . . . . . 1.940
11.º	Gilberto Arcanjo . . . . . 1.745
12.º	José Félix Correia . . . . . 1.695
13.º	Celestino Martins . . . . . 1.660
14.º	João de Almeida . . . . . 1.530
15.º	Armando Marreiros . . . . . 1.505
16.º	Eduardo Pires . . . . . 1.445
17.º	Armando Guerreiro . . . . . 1.435
18.º	João Morais . . . . . 1.415
19.º	Armando Leiria . . . . . 1.280
20.º	João da Luz Brito . . . . . 1.275
21.º	Arnaldo Oliveira . . . . . 1.200
22.º	Manuel Paulo . . . . . 1.155
23.º	Ludovino Reis . . . . . 1.025
24.º	João de Jesus Costa . . . . . 1.010
25.º	José A. dos Anjos . . . . . 960
26.º	Manuel Ventura . . . . . 910
27.º	Manuel I. Guerreiro . . . . . 910
28.º	António Pereira . . . . . 785
29.º	Américo Afonso . . . . . 775
30.º	João Larguito . . . . . 725
31.º	Luciano Dias . . . . . 665
32.º	José dos S. Alvíto . . . . . 640
33.º	António Leitão . . . . . 575
34.º	Arnaldo Proença . . . . . 550
35.º	Augusto Madureira . . . . . 405
36.º	Vitoriano Barrote . . . . . 195
37.º	Manuel Rolando . . . . . 135
38.º	José Rosa Gouveia . . . . .
39.º	Júlio Trigueiros . . . . .
40.º	Luís Freitas . . . . .

#### CLASSIFICAÇÃO GERAL POR EQUIPAS depois da 5.ª jornada

PONTOS	
1.ª	João Martins Gaivota, Joaquim Patinha . . . . . 6.275
2.ª	João Barrote, Vitoriano Barrote . . . . . 4.590
3.ª	Artur Mascarenhas, João d'Almeida . . . . . 5.840
4.ª	Joaquim Lopes Batista, Ludovico R. Claro . . . . . 3.730
5.ª	Celestino C. Martins, Armando Marreiros . . . . . 5.165
6.ª	Mário Quintas, Júlio Trigueiros . . . . . 3.090
7.ª	João da Luz Brito, José Félix Correia . . . . . 2.970
8.ª	Arnaldo Oliveira, Gilberto Arcanjo . . . . . 2.945
9.ª	Carlos Coelho, José Aldomiro dos Anjos . . . . . 2.900
10.ª	Arnaldo Proença, Rosário Bento . . . . . 2.735
11.ª	Salvador Estrela, Luciano Dias . . . . . 2.620
12.ª	António Pereira, Joaquim Morais . . . . . 2.200
13.ª	Eduardo Pires, António Leitão . . . . . 2.020
14.ª	Américo Afonso, Manuel Paulo . . . . . 1.930
15.ª	João de Jesus Costa, Manuel Ventura . . . . . 1.920
16.ª	Armando Leiria, Augusto Madureira . . . . . 1.685

#### PEIXE DE MAIOR PONTUAÇÃO

Artur Mascarenhas  
Sargo/1,400 kgs. — 1.250 pontos

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

# Campeonato Nacional (II Divisão)

## Relance da Jornada

Disputou-se no passado domingo a 5.ª jornada do nacional da 2.ª divisão e cujos resultados foram os seguintes:

**Olhanense, 4 — Alhandra, 1**  
**Juventude, 2 — Farense, 3**  
**Portimonense, 1 — Montijo, 0**  
**Sacavenense, 1 — Lusitano, 1**

O Olhanense no seu campo venceu pela margem folgada uma partida que parecia difícil na primeira metade, mas que se tornou fácil na segunda parte.

No reatamento da partida, os locais exibiram-se com agrado, desenhando boas jogadas, e fizeram um resultado que podia ter sido mais volumoso. É de notar, porém, a equipa do Alhandra, que, com um conjunto bem estruturado, replicou e dificultou sempre os locais nas suas consecutivas avançadas.

### CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

Resultado do «sorteio» efectuado na passada segunda feira, na sede da Associação de Futebol de Faro:

S. C. Farense; Silves F. Clube; Portimonense Sp. C.; S. Lisboa e Faro; S. C. Olhanense; C. F. Esperança.

1.º Domingo — Silves F. C.-S. C. Farense; Portimonense-Olhanense e S. Lisboa e Faro-C. F. Esperança.

2.º Domingo — S. C. Farense-Portimonense S. C.; C. F. Esperança-Silves F. C. e S. C. Olhanense-S. Lisboa e Faro.

3.º Domingo — S. Lisboa e Faro-S. C. Farense; Portimonense-Silves F. C. e C. F. Esperança-S. C. Olhanense.

4.º Domingo — S. C. Farense-S. C. Olhanense; Silves F. C.-S. Lisboa e Faro e Portimonense-C. F. Esperança.

5.º Domingo — C. F. Esperança-S. C. Farense; S. C. Olhanense-Silves F. C. e S. Lisboa e Faro-Portimonense.

Os jogos da 2.ª volta realizam-se nos campos dos clubes indicados em segundo lugar.

Esta prova terá início no dia 6 de Novembro p.º f.º

O Farense passou em Évora, num jogo bastante difícil. Os Éborenses bateram-se bem e só a sorte ditou a vitória do Farense.

Em Portimão os locais venceram o Montijo, num encontro em que os jogadores de ambas as equipas se esqueceram de rematar. O campo enlameado não deixou jogar melhor, contudo o Portimonense mereceu a vitória.

Finalmente o Lusitano, trouxe de Sacavém um ponto o que contribui para melhorar um pouco a melindrosa situação em que se encontra. O Sacavém, de início procurou o golo, não o conseguindo por a defesa Lusitanista, bem orientada, ter anulado todas as avançadas dos locais, levadas a fim com energia e entusiasmo. O lusitano, marcou primeiro, vindo depois o Sacavenense a igualar.

Partida bastante equilibrada em que o empate assenta bem.

### O Algarve e a primeira Divisão

O Algarve não perdeu nesta jornada e, com três equipas, nos primeiros lugares, chama a si as atenções do campeonato.

Será esta época que o Algarve lançará um representante para a divisão maior? É justo que assim

aconteça pois o Algarve tem lutado e bem merece ter lá um representante.

Quanto a nós achamos que qualquer das três equipas que actualmente se encontram à cabeça tem valor para tal, mas julgamos o Olhanense, actual guia isolado, mais capaz de tal proeza, pois esta época está fazendo boa figura.

Com cinco vitórias seguidas todas elas à vontade, uma boa defesa e uma avançada de se lhe tirar o chapéu, com 22 golos marcados e dois apenas sofridos.

É cedo ainda para formularmos tal opinião mas aguardamos que o desenrolar do campeonato nos diga.

Disputa-se hoje a 6.ª jornada que compreende os seguintes encontros:

**Lusitano-Olhanense**  
**Farense-Olivais**  
**Oriental-Portimonense**

O leader em Vila Real de Santo António, terá certas dificuldades com a defesa local, no entanto damos quase como certa a vitória do grupo Olhanense.

O Farense no seu campo não deve encontrar dificuldades e deverá somar mais dois pontos que o manterão em 2.º lugar.

O Portimonense em Marvila cabe-lhe tarefa assaz difícil, e não nos parece que possa regressar vitorioso.

Vitorino Constantino

### CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E	D.	B.	P.
OLHANENSE . . . . .	5	5	—	—	22-2	10
FARENSE . . . . .	5	4	—	1	11-5	8
PORTIMONENSE . . . . .	5	3	2	—	8-4	8
V. Setubal . . . . .	5	3	1	1	13-6	7
Oriental . . . . .	5	3	—	2	7-3	6
Alhandra . . . . .	5	2	1	2	13-12	5
S. L. Olivais . . . . .	5	2	1	2	8-7	5
U. de Montemor . . . . .	5	2	—	3	11-12	4
LUSITANO . . . . .	5	—	3	2	3-6	3
Estoril . . . . .	5	1	1	3	8-12	3
Montijo . . . . .	5	1	1	3	2-6	3
Juventude . . . . .	5	1	1	3	4-10	3
Sacavenense . . . . .	5	1	1	3	3-18	3
D. de Beja . . . . .	5	1	—	4	4-14	2

Jogos para hoje: LUSITANO-OLHANENSE; Alhandra-Juventude; Estoril-Sacavenense; Beja-Vitória de Setubal; Montijo-U. Montemor; Oriental-PORTIMONENSE; Olivais-FARENSE.

### Sacavenense, 1 — Lusitano, 1

## O EMPATE ESTÁ CERTO POIS NENHUMA EQUIPA MERECEIA PERDER

Jogo em Sacavém, no campo do Sacavenense.

**SACAVENENSE** — Taborda; Oliveira, Félix e João Fernandes; Veiga e Inácio; Macedo, Rocha, Romão, Moreira e Azevedo.

**LUSITANO** — Martinez; Carlota, José Pedro e Gonçalves; Padesca e Tavares; Borrego, Araújo, Parra, Rodolfo e Torres.

Os lusitanistas foram os primeiros a marcar, iam decorridos 25 minutos. Livre à entrada da grande área; Tavares endossou a Padesca, que rematou prontamente, fraco, em arco. Taborda ficou estático e deixou passar o esférico.

O empate registou-se três minutos após este tento. Numa incursão pela direita, Macedo centrou sobre a baliza. Rocha deixou para Romão que fez o tento na altura em que Martinez se lhe lançava aos pés.

Os dois grupos começaram a jogar cautelosamen-

te, repartindo-se o jogo por um e outro meio-campo.

Logo que o jogo principiou o Sacavenense pôs à prova a defesa do Lusitano atacando em «massa», à procura de um tento que lhe desse maior tranquilidade para encarar qualquer dificuldade.

Mas os lusitanistas com uma defesa autoritária e bem escalonada no terreno e sempre «comandados» pelo seu jogador-treinador Martinez, ia desfazendo da melhor maneira os ataques dos donos do terreno, e procurando contra-atacar sempre que lhe era possível.

Mas não o faziam da maneira mais aconselhável, utilizando o seu jogo habitual de passes curtos que nada resultavam devido às condições do terreno. Nos 15 minutos finais do primeiro tempo foi o Lusitano que comandou as operações, não fazendo, porém, perigar a baliza à guarda de Taborda, pelos motivos já apontados.

Pouco depois de principiar a segunda parte o árbitro foi forçado a interromper o encontro durante cerca de 7 minutos devido a uma forte chuva que transformou o campo num autêntico lago. O jogo recomeçou tendo os grupos mudado de equipamentos.

Até final já não foi possível praticar-se bom futebol pois as duas equipas teimavam em jogar da pior maneira — bola pelo solo — assistindo-se a um esforço titânico dos contendores em luta pelo resultado.

No Sacavenense salientamos Romão, Ferreira e Félix, enquanto que no Lusitano estiveram em bom plano, Martinez, J. Pedro, Torres e Padesca.

Uma palavra de simpatia para o jovem Carlota, que se estreou no domingo e se exibiu a contento.

Boa arbitragem a do setubalense Inácio Tereso.



UM  
SEGRÊDO  
para VOCÊ!

## O EXITO ESTÁ NA APRESENTAÇÃO

A TIPOGRAFIA SOCORRO TEM O PRAZER DE ANUNCIAR PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

### Envoltórios para conservas em papel plástico!

Susbtitue o celofane — maior resistência contra golpes grande apresentação pela tonalidade de novas tintas

Todos os envoltórios confeccionados nas nossas oficinas possuem tintas únicas, com grande resistência à luz solar e à luz de néon

## TIPOGRAFIA SOCORRO

UMA FIRMA COM TRADIÇÕES GRÁFICAS DESDE 1891

## VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

### TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

## INSTITUTO DE SOCORROS a Náufragos

Três letras que são um símbolo de dedicação e que a gente do mar, que bem pode dizer-se somos todos nós algarvios, melhor do que ninguém compreende e abençoa.

onde há perigo, onde o mar ameaça converter-se em sepultura lá está a gente do Instituto de Socorros a Náufragos como a esperança, como uma quase certeza de salvação.

Pois, desde a sua fundação já arrebatou das garras da morte 3 mil pessoas.

Se há instituições criadas para só praticarem o bem esta é uma delas.

Galardoemo-la com o nosso reconhecimento.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

# Instrução Notícias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

(Conclusão da 1.ª página)

Há escolas para as crianças, cursos de educação para os adultos. Muitos destes tem sido recuperados. E com eles, em certos casos, é que a lei tem sido de uma dureza inflexível. Mas reconhecemos que afrouxar era perder a batalha ou não aproveitar todos os louros da vitória.

Congratulemo-nos com os resultados obtidos e façamos votos para que dentro de uma ou duas dezenas de anos o alejão que tanto nos diminua tenha sido dominado.

Mas ao traçar estas linhas não era só de congratulação e louvor o nosso propósito.

Movia-nos também o desejo de lembrar que é necessário prolongar a batalha que em muitos pontos não está totalmente ganha. Lembramos que temos apontado aqui edifícios escolares que não têm conforto, nem segurança.

Não há muito citávamos um como o edifício mais abandonado de toda a aldeia e outro onde só cabiam 5 carteiras, uma delas no buraco da chaminé.

Isto não são escolas, são tocas. São palheiros como disse o Dr.

Alfredo Magalhães, então Ministro da Educação, visitando uma escola de um concelho nosso vizinho, já hoje, felizmente, substituída.

De escolas só podem receber o nome porque lá dentro estão crianças enregeladas ou esbracadas conforme a estação de que se trata e um mártir que é o professor.

Se se não fazem novos edifícios escolares, amplos e higiénicos, com todas as condições pedagógicas requeridas, porque as Câmaras Municipais de tão pobres não podem participar nos gastos exigidos, reforme-se a lei, pro idêntice-se, para que essas crianças e esses mestres usufruam as mesmas regalias que os seus pares de outras regiões mais fortunadas.

Queremos também referir-nos às Cantinas Escolares. Há muitas crianças sub-alimentadas que frequentam as escolas. Os particulares pouco auxiliam: uns porque não podem e outros porque não querem. A de Vila Real de Santo António dá uma refeição diária a 50 crianças e pode comportar 200 que bem precisam. Continuamos de braços cruzados?

Urge intervir, sem demora e radicalmente.

E já a fechar diremos que nos faz pena ver os recreios que circundam muitos edifícios escolares modernos transformados em verdadeiros matajais onde os cardos têm o ceptro do império.

E custaria tão pouco aformosear estes logradouros das crianças...

Vamos para diante com fé e entusiasmo que tudo é bater o inimigo.

## 1.º TENENTE Santos Domingues

Por ter terminado a sua comissão normal de serviço, retirou para Lisboa, tendo sido colocado na Direcção do Material de Guerra e Tiro Naval da Base Naval do Alfeite, o nosso prezado assinante sr. Manuel Francisco dos Santos Domingues 1.º tenente de administração naval — que durante quatro anos exerceu as funções de Chefe do Serviço de Abastecimentos das capitânias do Algarve e da Esquadilha Fiscal do Sul, havendo também desempenhado durante aquele espaço de tempo o cargo de professor provisório do 6.º grupo — 2.º grau na Escola Industrial e Comercial de Faro O Capitão do Porto e mais oficiais de Marinha em serviço na nossa provincia homenagearam-no com um almoço de despedida que se realizou na Mosse dos Officiais em Faro, tendo sido substituído nos seus cargos pelo oficial da mesma patente sr. João Álvaro Barbosa Loureiro.

## Novo Serviço de Combóios

(Conclusão da 1.ª página)

ros vindos de Lagos com partida daquela cidade às 17,32.

Este serviço terá início hoje, dia 30 de Novembro. O actual rápido (semi-directo) Lisboa-Algarve, via Beja, continuará a efectuar-se nos mesmos dias, isto é 5 s., 5.º s., e sábados, com os mesmos horários de partida, devendo contudo a hora da chegada aos destinos ser alterada, conforme horário que ainda está em estudo.

## A Tipografia TIPOCOLOR

Chama a v/ atenção especial para a qualidade dos seus trabalhos.

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO



(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

## Conclusões

PARA terminar, direi: Não foi coroada de êxito a conquista das Canárias pelo Infante D. Henrique. Deixo por concluir a quem cabem as responsabilidades de tal facto que, naturalmente, retardou os Descobrimentos, agravou o Tesouro de Portugal, deitou a perder as receitas da Ordem de Cristo e a fortuna pessoal do Infante, tão desinteressado de fora que ao morrer estava crivado de dívidas que não cometem para seus prazeres, mas sim para servir a Humanidade. Outros apenas pensavam na sua vaidade ou no seu interesse.

Ele tentou todas as formas de ter à sua disposição as Canárias: pela compra pela dádiva do Papa (que foi suplicado pelo Rei D. João I) pela concessão à Ordem de Cristo, de que era governador, e não mestre, como se escreve, porque o não quiz ser pela conquista, além da indiscutível prioridade que tivemos na sua descoberta. Mas sempre encontrou a maior oposição de Castela, apesar de nenhum fundamento jurídico poder à pretensão do Infante.

E digo-o, sem agravo para a actual amizade pela Espanha mas para servir a verdade histórica e para honrar a memória do Infante de Sagres o Navegador.

Enquanto este pretendia servir a Cristandade, o Rei Castelhanos buscava contrariar-lhe o propósi-

## O INFANTE D. HENRIQUE NA CONQUISTA DAS CANÁRIAS

to para o engrandecimento próprio e da sua Pátria.

O Infante sofreu muito certamente no íntimo do seu coração. Apenas havia que escolher entre a guerra com Castela ou o conhecimento da forma da África, para poder chegar à Índia. A guerra seria a paralização da sua empreza: Os Descobrimentos.

A renúncia às Canárias seria a prossecução do seu plano, em que vinha laborando e dispendendo a vida e os cabedais próprios e alheios. Optou pela renúncia. Calçou o seu amor próprio e não satisfizesse a vontade dos provocadores da guerra. Serviu assim a Pátria e a Igreja. A sua renúncia também foi uma glória porque se venceu a si próprio.

O seu apelo, que fizera de Ceuta para vingar a derrota de Tanger e para salvar o irmão D. Fernando do cativo e da morte, não encontrara eco nos reis cristãos. A sua ambição de servir a cristandade também não podia esperar encontrasse qualquer auxílio, mas era de supor que não o fossem contrariar e prejudicar. Assim aconteceu, na verdade.

Se a história tem uma função nas nações, poderemos invocar os serviços prestados pelo Infante e esperar que neste ano, no meio das celebrações Henriquinas, as nações do Mundo culto saibam praticar a justiça e render à memória do Infante, o Navegador, a gratidão que lhe devem.

Se a Espanha, que admiro, a cuja história presto rendida homenagem, a cuja nobreza sendo culto quisesse honrar condignamente Portugal, num gesto de amizade: que deve afervorar-se, já que não pode separar outros males poderia libertar a antiga sede do Bispado de Ceuta, a vila portuguesa de Olivença, (onde há almas da raça portuguesa submetidas a lei estranha) e que por tratados pertence a Portugal. Faria a devolução do pavilhão de D. João I, e a Santa Maria de África com o aleu de D. Pedro de Meneses, que se encontram em Ceuta e que nada justifica ali permanecerem. Se Diogo da Silva trocou as Canárias pelo amor de uma mulher a Espanha conquistaria o amor de Portugal devolvendo-lhe aqueles trofeus e restituindo-nos Olivença.

Acaso seria isto demais, ou contrário às regras das leis internacionais, a cujos tribunais se poderia sujeitar o caso se houvesse dívida do nosso Direito, sagrado Direito, que Deus saciona e os homens agradeciam sem dúvida?

De que depende, pois, a acção da Justiça? De um chefe de Estado ou de dois. Que eles se entendam, para que as palavras não desmintam os factos. O Infante D. Henrique lá no assento etéreo será nosso Juiz.

J. J. Nascimento Moura

## A SARDINHA E A TEMPERATURA DA ÁGUA

(Conclusão da 1.ª página)

ma: sardinha grande, entre 16.º e 17.º; média, entre os 18.º e os 19.º e petinga entre os 20.º e 21.º.

Em qualquer caso é para estar grato aos que, não dedicados à investigação tenham feito este trabalho e sejam ou não úteis as suas comprovações. Abrem um campo interessante para os cientistas, dando-lhes pontos de partida para trabalhos cuidadosos e proveitosos. Seria interessante que o exemplo alastrasse. Agora que a campanha sardinha no Noroeste se acha em actividade poderiam obter-se dados interessantes para o estudo da relação entre o factor térmico e a disponibilidade da espécie em certas zonas habitualmente frequentadas pelos cardumes.

Seria para isso necessária a colaboração dos mestres de pesca das embarcações sardineiras, os quais se deveriam encarregar da verificação e registo dos já referidos elementos. É um trabalho que já se vem realizando noutros países e que em Espanha pode dar interessantes frutos.

(De «Industrias Pesqueiras», n.º 795)

## Lembrando o Aniversário do Poeta Algarvio João Lúcio

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

gressam o estro a um passado longínquo. Saudoso pinhal escondido as mouras que ali se quedaram encantadas, mas que o vate descobriu. As fadas, os encantos, as mouras, fascinação e alcançaram os seus amorous versos, a sugerir o belo, o mirífico, o fruto do seu affecto.

Afeiçoou-se de infância às rumorosas frondes de pinho baluçadas no alto de mastros esguios que filtravam a luz da lua, retalhavam a luz do sol, e demorava-se a escutar os rumores da noite e os ruídos do dia. Enfeitado por este enquadramento de encanto, teceu a lenda de Marim, em poesia do mais puro estilo, que nos toca a sensibilidade, tão suave na toada, tão harmónico na rima.

Arquitectou um «chalet» a que deu vida, debaixo do seu risco, sob a sua direcção. Nele entrou a fantasia que aí ficou a morar. Em pinceladas a relevo um barco se faz ao mar, o moinho esfuma as velas, o mar se alarga, as gaióvas esvoaçam, as andorinhas se equilibram, as violetas se espalham. Descendo de circundante terraço quatro escadarias se estendem ao solo, figurando uma a serpente, outra o abraço, outra a viola e ainda outra a guitarra. As arestas do edificio foram fendidas com acréscimos que o mos-

tram como quatro saliências presas ao interior, donde sobem oito colunas que sustentem o alto zimbório que ao alto do segundo piso vai buscar a claridade. Amplas janelas o rasgam nas faces, que a todas o luar beija e o sol castiga. Este retiro, centrado no espesso pinhal, foi a realização do sonho do poeta e um bocado da sua alma que ali dispersa ficou a auscultar a eternidade. Ali a pneumónica o foi surpreender, quando ali a época calmosa o levou. A guerra trouxera a peste que ceifou pacíficas vidas. levadas em vagas ao sepulcro. João Lúcio não foi poupado.

Formou-se aos 22 anos; finou-se aos 38. a vida não foi pródiga com ele: cedo a morte lhe levou o único irmão, mais cedo lhe arrebatou o filho dos braços da avó que o embalava, e a si não quis dar velhice.

Olhão que o estimava pelas suas virtudes, cercou-o do maior respeito, pela sua distincção e cavalheirismo, pela sua bondade e saber. Quando ele morreu chorou-o e erigiu um monumento com o seu busto no bronze. Hoje o seu

nome ainda goza da maior deferência, e situa-se entre os mais illustres filhos deste povo que aqui nasceram e morreram.

Seria desejável que ao «chalet» que o poeta concebeu e construiu fosse dada applicação que interessasse a juventude, para que estivesse sempre mais próximo das gerações que se sucedem, o nome daquele que amou e cantou a poesia que a sua terra lhe inspirou; para que viesse insuflar-lhes aquele amor local que a João Lúcio não saía do coração.

Manuel Domingos Terramoto

## GALARDÕES

Em vários concursos no estrangeiro e com a comparação colaborante de dezenas de países. Portugal alcançou bom lugar obtendo alguns dos primeiros prémios: em piano, trabalho, harmónica de boca, hotelaria, etc.

Felicitemo-nos por esta ascensão.

## O Fostato Thomas ao Serviço da Lavoura

NOVA CAMPANHA CEREALÍFERA

SNR. LAVRADOR...

ajude-se a si mesmo acertando na adubação mais conveniente

EXIJA E USE



o ADUBO QUE AJUDA A OBTER BOAS COLHEITAS

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

EDRIGUES PINEO & C.

VILA NOVA DE GAIA



NESTA CASA QUEM COMPRA UMA VEZ Fica sendo freguês

## ALFAIATARIA RAMOS

DE FRANCISCO RAMOS

TECIDOS CONFEÇÕES = OBRA CLÁSSICA e de SPORT FARDAS PARA A COMUNHÃO CRISTÁ

CONSULTE O FIGURINO ESPECIAL

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA, SOBEJAMENTE COMPROVADA PELA SUA CLIENTELA

EXPERIMENTE E, SERÁ CLIENTE PARA SEMPRE

Largo S. João de Deus - ex. Largo da Cacela, n.º 8 — OLHÃO